

José Ortega y Gasset (1883-1955) era, em 1902, um jovem modernista com inquietações literárias e intelectuais recém-formado em Filosofia e Letras. Queria ser um escritor ou um sábio. Na primeira dessas vocações, predominava um ensimesmamento no prazer da escrita, uma fruição pelo gozo estético da emoção de encontrar a frase que define a coisa e a explica com beleza. Na segunda vocação, a de sábio, a inclinação tomava um caráter político, de atuação pública, de desejo de transformar a sociedade, seu país e o homem por meio do conhecimento. O jovem tinha sido educado em uma família da alta burguesia madrilenha com mais prestígio do que dinheiro ainda que suficientemente provida para viver com conforto e educar seus filhos. Durante sua infância, seu pai, José Ortega Munilla, era diretor do suplemento literário do principal jornal, *El Imparcial*, que pertencia a família de sua esposa, e mãe de Gasset, Dolores Gasset. O jornal tinha sido criado por Eduardo Gasset, pai de Dolores e avô de Ortega y Gasset, e publicava os mais famosos e influentes intelectuais e literatos do momento. Com a morte do avô, um ano após o nascimento de Ortega y Gasset, o jornal ficou nas mãos do seu filho mais novo, o jovem Rafael, que dá continuidade a empresa da família com a ajuda do seu cunhado e do diretor do jornal, Andrés Mellado.

Eduardo Gasset foi ministro durante a breve monarquia de Amadeo de Saboya. Ainda que não tenha apostado na Restauração Bourbon (conhecida por Restauração Francesa), soube colocar *El Imparcial* em um posto privilegiado dentro da ala liberal. Seu filho Rafael continuou a vocação política do pai e, em 1900, entrou em um gabinete regeneracionista conservador de Francisco Silvela, formado após os desastres de Cavite y Santiago de Cuba, para restaurar a glória e a economia do país. Rafael Gasset acabou militando nas alas liberais, desde onde deu continuidade ao seu trabalho como ministro do Fomento (similar ao ministério da Infraestrutura), em quase uma dezena de ocasiões e controlou diversos distritos eleitorais, os quais distribuía a seus correligionários, entre eles o pai de Ortega y Gasset.

Em 1902, José Ortega y Gasset era um jovem atento e capaz de captar muito bem o ambiente intelectual e político da Espanha que vivia diariamente na sua própria casa e na redação do jornal *El Imparcial*. Nos anos seguintes formalizou a vocação que seria perseguida durante toda a sua vida, já havendo tido uma boa quantidade de possibilidades para escolher. A decisão tomada, o chamado interior que sentiu não era o mais conveniente entre as opções que tinha para si: entregar-se ao estudo da filosofia para construir uma metafísica original que fosse capaz de explicar o ser/estar do homem no

mundo, e ser, ao mesmo tempo, um intelectual que transmitisse e tentasse fazer compreender sua visão do mundo. Como bem intuiu Ortega naquele tempo e viria a saber depois, toda metafísica supõe uma nova explicação do mundo, que é em si mesma uma nova forma do homem estar no mundo.

Esta vocação, ainda não totalmente alinhada, é a que o levaria a estudar dois cursos na Alemanha entre 1905 e 1907, após seu doutorado em Filosofia pela *Universidad Central de Madrid* em 1904. Ortega chegou primeiro a Leipzig, depois a Berlin para finalmente fixar-se em Marburgo, cidade para a qual voltaria em 1911. O objetivo dessas viagens era mergulhar na cultura germânica e, como dito por ele mesmo, encher alguns tonéis com idealismo para digerir-los nas estepes castelhanas e utilizar-los da maneira mais útil para o seu país, que lhe parecia demasiado carente de ideais e excessivamente cheio de certezas. Na Alemanha, Ortega se aproximou da filosofia neokantiana através de duas pessoas: Hermann Cohen e Paul Natorp, e outra mais heterodoxa, a filosofia de George Simmel, pensador que conheceu em Berlin. Naquele momento, o neokantismo da *Escola de Marburgo* interessa mais a Ortega, que encontrava em Cohen uma vertente metafísica, ética e estética, e em Natorp uma vertente pedagógica e política. Para os neokantianos de Marburgo, o objetivo eram as ideias: o conceito puro, o conhecimento puro, a vontade pura, a razão pura... uma pureza que era repugnante para Unamuno, que achava que estava deformando a alma do seu jovem amigo madrilenho - quem, em sua tentativa de superar o subjetivismo espanhol, caía sem perceber no subjetivismo da consciência. Deste foi ajudado a sair pela arte espanhola do seu futuro amigo Ignacio Zuloaga, tão realista, incapaz de ajustar-se à estética pura de Cohen; e à fenomenologia de Edmund Husserl, que conheceria de forma indireta em sua viagem à Alemanha de 1911, uma vez que tinha obtido sua cátedra de Metafísica na *Universidad Central de Madrid* alguns meses antes. Husserl desenvolvia o conceito de consciência em um sentido diferente do kantiano: a consciência não era o pensar interno da mente da realidade captada, ela era a própria captação da realidade. Por isso, muitos jovens europeus da geração de Ortega viram que, no fundo, Husserl ia às coisas, à vida, ainda que a vida ficasse entre parênteses para, como em toda filosofia idealista, conseguir alcançar uma verdade epistemologicamente irrefutável a partir dos fenômenos. Ortega sempre esteve nessa luta, crendo em uma verdade única e imutável e brigando ao mesmo tempo com a realidade variada das coisas e do vir a ser das mesmas.

Em 1914, com 30 anos, o jovem filósofo espanhol publicou seu primeiro livro. *Las Meditaciones del Quijote (As Meditações do Quixote)*. É um livro no qual ficam rescaldos idealistas neokantianos, a análise fenomenológica é abundante e que começa a intuir um raciovitalismo que será bem sucedido nos anos vinte. Neste mesmo ano, Ortega publica um prólogo do livro de poemas *El Pasajero* de José Moreno Villa. Nele aparece o conceito do eu executivo (*yo ejecutivo*) em um sentido que apresenta matizes interessantes a respeito da consciência executiva fenomenológica, pois nele o importante não é a consciência recebendo executivamente as impressões captadas pelos sentidos senão a viva vivida em todo instante.

As Meditações do Quixote supõem um esforço satisfatório conquistado por deixar o continente idealista no qual Ortega havia vivido por uma década e representam o primeiro grande passo para construir uma metafísica da vida humana na qual o eu executivo se converte em realidade radical imersa na sua circunstância. O homem no mundo e não o homem ilhado, solitário, fechado na realidade da sua consciência, foi o que sempre interessou Ortega. O que lhe interessava era o homem convivendo. Por isso, seu trabalho, a partir dali, irá por um caminho de rompimento com a modernidade cartesiana e kantiana que havia fechado o homem na prisão do seu eu interior e o tinha afastado do mundo real ao construir para ele um mundo utópico. Como viver aí é impossível, o homem continuou vivendo na realidade como lhe era apresentada, mas era incapaz de compreendê-la, porque seu mundo não se ajustava ao mundo ideal que havia sido formado na sua cabeça.

*As Meditações do Quixote* era, ao mesmo tempo, um livro político. Era um livro que queria elevar as coisas que tocavam a plenitude do seu significado para salvá-las. Entre as coisas que Ortega queria salvar estava seu país, a Espanha. O filósofo queria melhorar a realidade da sua pátria através da absorção da ciência europeia para fazê-la para seu país e desenvolvê-la de um novo modo. Essa transformação era a mais importante a ser feita para toda uma geração de espanhóis jovens que se juntaram à *Liga de Educación Política Española* que Ortega apresentou à sociedade em março de 1914 no *teatro de la Comedia* de Madrid em uma conferência chamada de *Velha e nova política*, alguns parágrafos apresentados foram extraídos de *As Meditações do Quixote*. Para Ortega, a Europa era Sócrates, o que significa dizer que ela era o método científico para alcançar o conceito, a definição das coisas. Por isso, ele havia dito em 1910 que “*Europa = Ciência*”. Nesse mesmo ano, colabou na criação da revista *Europa*, a qual usava para refutar

o conceito *costista* de europeização mais centralizado na equiparação material da Espanha ao bem estar econômico e social do norte europeu. A Espanha não era para Ortega algo estranho à Europa. A Espanha tinha se afastado da Europa por ter renunciado à ciência moderna. Ortega acreditava na Espanha e pensava que era um '*promontório espiritual da Europa*' (promontório, similar a um cabo nas definições geográficas) e a '*proa da alma continental*'. A questão estava em saber estar no novo tempo que nascia. E, para isso, era importante encontrar na própria história alguns referenciais essenciais, principalmente encontrar o maior cume que tinha dado o espanhol, o estilo cervantino de aproximar-se das coisas porque todo estilo poético tem em si uma filosofia, uma moral, uma ciência e uma política. Assim, a ciência europeia devia passar pela peneira da poética espanhola, que havia tido alguns olhares sinceros para compreender o mundo. A perspectiva espanhola era, portanto, essencial para a Europa, que não podia prescindir da maneira espanhola de olhar as coisas, dos "logos del Manzanares" (conceito exposto em *As Meditações do Quixote*). Ortega e Unamuno não estavam tão distantes neste ponto como pode dar a entender uma polêmica de 1909, quando o sábio reitor de Salamanca criticou os jovens que estavam entregues aos tolos europeus e acaba optando por San Juan de la Cruz a Descartes. Ortega respondeu à crítica com o conhecido comentário de "que a cor rosada das pedras salmantinas (salamantinos) se deve ao rubor que sentem ao escutar as coisas que diziam don Miguel". Unamuno havia captado rapidamente a inteligência do jovem filósofo madrilenho e seguia seus escritos com uma recepção crítica. Ortega, que tinha começado a ler Unamuno desde jovem por indicação do seu pai, como confessou no obituário que escreveu em basco em 1937; sabia muito bem a profundidade filosófica que continha a obra unamuniana. Ambos se entenderam muito melhor do que um punhado de palavras más e alguns gestos podiam dar a entender.

Para Ortega, a verdade, ainda sendo uma e invariável, só podia ser conhecida se mediada pela perspectiva, que é diferente para cada indivíduo, para cada povo, para cada época. O perspectivismo tão bem explicado em *As Meditações do Quixote* converte-se, então, em método de aproximação à verdade. Ortega afirma, seguindo os critérios estabelecidos por Leibniz, que cada indivíduo é uma perspectiva necessária e insubstituível no universo. Não cabe uma fé maior no homem e é certo que Ortega chegou a ela pelo contato espiritual com seus amigos da *Institución Libre de Enseñanza*, na qual, como mostrou Agustin Andreu, Leibniz era lido com interesse. Quanto

nos falta para aprender o que Francisco Giner de los Rios e um punhado de homens ilustres fizeram para colocar a Espanha ao nível que lhe correspondia na história!

Ao mesmo tempo que Ortega aprofundava-se no conhecimento da filosofia e abordava o projeto de fundar uma filosofia própria, publicou regularmente na imprensa, principalmente a partir de 1907, quando seus artigos assumiram um tom político evidente. Pouco a pouco, foram dando a ele espaço no jornal da família, ao superar-se as reticências iniciais do seu pai, diretor do *El Imparcial* naquele começo do século XX. Logo Ortega começou a propor uma reforma do liberalismo, que não encaixava nos moldes imóveis dos seguidores de Sagasta e que incomodava a posição política do seu tio Rafael Gasset. Por meio da revista *Faro*, da qual participou da fundação, Ortega propôs um liberalismo transformado em sentido socialista, fato que ocorreu durante uma discussão jornalística com Gabriel, filho do líder conservador Antonio Maura. Ortega defendia que, respeitando os princípios essenciais do *liberalismo decimonónico*, os direitos e liberdades fundamentais, o Estado atua como redistribuidor da riqueza em benefício das classes mais pobres, tanto relacionado com questões económicas e laborais como no que se refere ao acesso de todos os cidadãos à cultura. Estas propostas estavam na órbita do liberalismo inglês de Lloyd George e próximas ao socialismo de cátedra alemão e ao socialismo fabiano, mas se chocavam com as velhas molas do Partido Liberal, não porque muitos deles, como José Canalejas, não fossem conscientes da transformação necessária da ideologia liberal decimonónica, as porque introduzia um fator de desestabilização do regime ao mesmo tempo que Ortega pretendia entrar firmemente no Partido Socialista. O então jovem filósofo falava de um liberalismo socialista ou de um socialismo ético, que estabeleceria um sistema de revoluções para a transformação da sociedade sem revolucionarismo. Por isso, os partidos *del turno pacífico* (sistema informal espanhol operado por duas partes para determinar previamente o vencedor das eleições gerais) de Cánovas e Sagasta, dirigidos agora por novas gerações, lhe pareciam alas paralizadas, e, o Partido Liberal “*um estorvo nacional*”. Assim o qualificou em 1913 tanto com valentia quanto com um afã rupturista juvenil em texto publicado nas páginas de *El Imparcial*, o que o obrigou a buscar espaço em outro jornal. Ele já vinha colaborando, desde 1908, em revistas como a *Faro* (1908) e *Europa* (1910), ambas de duração efêmera, e em alguns jornais vinculados ao *Partido Republicano*

*Radical* de Alejandro Lerroux, que publicavam seus artigos mais heterodoxos contra o *regime da Restauração*.

A proximidade de Ortega com Lerroux era mais circunstancial que sincera. No fundo, Lerroux lhe parecia um elemento necessário para a ruptura do regime *canovista*, mas não um construtor de uma política nova. O *Partido Socialista*, apesar de primeiramente pensado como partido europeizante da Espanha e como um partido cultural, não podia ser o elemento vertebral e, por isso, Ortega optou por uma via intermediária depois de considerar fracassada a possibilidade do *Partido Liberal* reformar-se no sentido socialista. A nova via foi o *Partido Reformista* de Melquiades Alvares, a quem se uniu estreitamente a partir de 1914, chegando a formar parte da sua junta diretiva, ainda que não tenha se apresentado para eleição. Ortega era um intelectual e como tal se encontrava desconfortável nas fileiras de um partido, porque seu afã era buscar a verdade e não aferrar-se a uma doutrina.

O reformismo que Ortega defendia, comum a muitos membros de sua geração na Espanha e na Europa, encontrava sua expressão na revista *Espanha*, que dirigiu em 1915 e, sobretudo, nas páginas do *El Sol*, jornal nascido em 1917 do esforço do empresário Nicolás María de Urgoiti, ao qual Ortega havia se associado em uma tentativa fracassada de tomar o controle do *El Imparcial* na primavera de 1917. As páginas do *El Sol* acolheu, até 1931, quase toda a produção literária de Ortega, que também trabalhou como editor entre dezembro de 1917 e 1920, quando, já cansado da agitação política que supõe a rotina diária da imprensa, deixa este trabalho.

Durante esses anos, Ortega jorrou suas ideias políticas e plasmou em números artigos seu projeto de transformação do liberalismo para o sentido social. Suas propostas estavam focadas em garantir seguros que ajudariam os trabalhadores nos momentos de necessidade, a fomentar a presença mais ativa dos trabalhadores na direção das empresas, incluindo a proposta de uma participação nos benefícios que permitisse uma transformação paulatina do capitalismo em socialismo, e a afinação dessas medidas por meio de uma forte alíquota sobre as heranças e um imposto progressivo sobre a renda das pessoas físicas. Mas sobretudo, Ortega, acreditava ser necessário incrementar o nível cultural do povo, pois, como Unamuno, estava convencido de que a liberdade que o povo precisava era a cultura. Assim, ambos estavam plenamente imersos no projeto iluminista e confiavam que a extinção do conhecimento permitia a humanização do homem, ainda que nenhum

deles fosse ingênuo e enxergavam claramente a maldade que os rodeava. Ortega, principalmente depois da Guerra Civil, não deixava de insistir, que a Sociedade é sempre um projeto nunca inteiramente satisfeito, uma tentativa, uma luta constante das forças sociais contra as antissociais, e que em última instância, o homem era uma besta má com certas veleidades de arcanjo. Que outra coisa se poderia dizer depois de ver como estavam circulando na Europa as desigualdades há mais de vinte anos! Para muitos desses homens das gerações europeias do fim do século e de 1914, as duas Guerras Mundiais e a Guerra Civil espanhola foram um golpe do qual dificilmente se recompuseram. Sua confiança no homem, filha do Iluminismo no qual foram educados, foi quebrada em muitos casos. Ortega questionou então o papel do intelectual e chegou a conclusão de que a única coisa que se poderia fazer era, na realidade, calar-se. O intelectual era para Ortega o homem que sempre se esforça para buscar a verdade, que não vive plenamente se não for se perguntado pelo ser das coisas e tentando encontrar alguma resposta. O *Outro* é o que se conforma com as coisas tal e qual como se apresentam sem fazer questão das mesmas. O *Outro* não entende o intelectual e este não entende o *Outro*, não entende como é possível viver em um mundo sem buscar a verdade, essa indiferença lhe parece uma vida falsa. Muitos intelectuais preocuparam-se em denunciar a falsidade do mundo do entreguerras, e propuseram canais para passar, na política, a um mundo mais justo, mas as vias intermediárias de pouco valiam frente às propostas totalitárias que vendiam paraísos instantâneos.

Ortega viveu sempre uma luta interna entre seus interesses por ser um homem com influência social, capaz de marcar o devir histórico de seu país desde sua posição intelectual, e o prazer de aproximar-se de suas leituras, seus pensamentos e suas classes. As primeiras apostas políticas do começo do século XX desembocaram no fracasso da *Liga de Educación Política Española* e no abandono da revista *España* e do *Partido Reformista*. Como resposta a essas contrariedades, Ortega buscou o refúgio em uma revista unipessoal, *El Espectador*, que pretendia ter um público minoritário, mas fiel, publicada a cada dois meses. Não é preciso dizer que o projeto foi minguando aos poucos. *El Espectador* foi sendo publicado como dava durante vinte anos e chegou apenas à publicação de oito números. O título já foi muito significativo no primeiro golpe que o toque com a política diária havia criado na alma orteguiana. Ortega, no *El Espectador*, renunciava ser um intelectual influente na política de sua nação e se apresentava como um pensador que simplesmente queria olhar seu entorno e colocar suas ideias no

papel, para que aqueles que conservavam uma parte antipolítica no seu espírito pudessem lê-lo. *El Espectador* parecia querer existir sem incomodar, sussurrando ao ouvido de alguns ouvintes próximos, mas Ortega, com sua característica insubornável, não se atrevia a renunciar o trabalho pedagógico-político que havia proposto na sua juventude. As próprias páginas dos dois primeiros números (1916 e 1917), eram já uma olhada intencionada que clamava contra o *plebeyismo* triunfante. Acontece que, em última instância, o olhar filosófico que Ortega lançava ao mundo com afã de compreender-lo levava em si um inevitável projeto de reforma política do mundo, que se movia em dois níveis: um essencial, muito pelo desejo de seus amigos da *Institución Libre de Enseñanza* e da *Residencia de Estudiantes*, a reforma do homem; e outro secundário, mas de maior imediatismo, a transformação da realidade política, que se traduzia em uma mudança de regime, porque tudo estava “bajo el arco en ruina” (título do artigo publicado por Ortega em *El Imperial*). Era preciso ir a algumas *Cortes Constituintes* que modificaram a Constituição em um sentido mais democrático.

Junto aos dois pilares da política social e da reforma constitucional, o terceiro pilar das propostas políticas de Ortega era a estruturação da Espanha em um estado autônomo, no qual as diferentes regiões assumiriam funções legislativas e executivas. O filósofo, metido a articulista do *El Sol*, pretendia aproximar a política ao cidadão para que este a sentisse como algo próprio, e, ao mesmo tempo, que se criassem grandes capitais regionais que servissem para criar alguns toque de altura cultural e política no velho provincianismo espanhol. Hoje as pessoas não sabem quanto devem a Ortega pelo atual Estado Autônomo do país. Uns quantos homens de diferentes tendências políticas tinham lido Ortega com interesse, e, fruto dele, levaram suas ideias para a Constituição de 1978. Existem desconhecimentos muito caros e injustos!

A luta política de Ortega contava com o estilete de uma pluma afiada que de vez em quando fazia ranger as entranhas do regime. Todo mundo sabia de quem eram os agudos editoriais do *El Sol*. Eram muitos os que seguiam e comentavam seus artigos políticos que, também eram publicados paralelamente a uma obra de grande porte filosófico, igualmente publicada na imprensa, que também era acompanhada com atenção. O peso intelectual de Ortega na Espanha no começo dos anos vinte era enorme. Suas sacudidas aos instáveis governos posteriores à grave crise política de 1917 foram muito



duras. Ortega, como em 1914, seguia apostando na ruptura com os políticos da *Restauração*. Seus elogios às *Juntas de Defesa* e seu silêncio ante ao golpe de Estado do general Miguel Primo de Rivera, prontamente superado por uma política habilidosamente crítica desde as páginas do *El Sol*, foram um erro de perspectiva, porque Ortega outorgava a esses dois movimentos o papel de ‘varredores’ da velha política sem preocupar-se com sobre qual arena se iria construir depois a nova política. Por isso, em 1930, com a insistência de alguns de seus jovens discípulos, não lhe restou nenhum remédio além de aceitar que a Monarquia havia murchado e que era preciso construir um novo Estado republicano, que construiu com a *Agrupación al Servicio de la República* e sua presença nas Cortes Constituintes, nas quais pronunciou alguns discursos de grande envergadura política, especialmente aqueles nos quais definiu com precisão os conceitos de autonomia e federação, apostando na constituição de um Estado autônomo.

É sabido que logo Ortega se desiludiu com a política republicana e quis retificar o rumo da República, mas eram tempos de massa, de política de massas como ele bem havia analisado e já não cabiam os discursos solitários senão a organização institucional para a qual ele não estava preparado e nem disposto, apesar de ter feito alguma tentativa de fundar um *Partido Nacional*. É provável que ele tenha sentido, então, uma certa frustração pelo fracasso de seu projeto político, não só do imediato senão de quanto neste continham as ideias que vinha defendendo publicamente desde o começo do século. A posição de Ortega era muito centrada e eclética para uma Europa que andava em frentes e totalitarismos de um a outro grupo.

Ainda assim, não seria certo dizer que Ortega se refugiou do fracasso da sua política em suas tarefas do dever filosófico, os anos que vão de 1932 até a Guerra Civil são imensamente produtivos. Ortega nunca tinha abandonado sua obra filosófica, mas, ao contrário, sentiu sempre a dedicação política como um estorvo para sua verdadeira vocação de filósofo. *As Meditações do Quixote* tinham sido apenas uma mostra de um pensamento que vinha sendo divulgado pela imprensa espanhola e argentina, e que havia encontrado uma de suas formas mais elaborada em *El tema de nuestro tiempo* (1923). Como *As Meditações do Quixote*, o novo livro tinha muito de esboço e projeto, pois Ortega, mais que construir sua filosofia, mostrava os sintomas do tempo novo, que se apresentavam como uma nova sensibilidade que recusava o idealismo filosófico e político da modernidade e queria ancorar-se na vida, sem renunciar ao grande descobrimento da razão pura, mas matizando-o

desde a vitalidade. Ortega não caía em um irracionalismo vitalista, mas lutava contra o relativismo em prol de uma verdade que não renunciaria a entender a vida como uma realidade mutante, que é no fundo história. Se a razão vital era a nova forma que deveria ser adotada pela filosofia, ela não podia entender-se como outra coisa que não como razão histórica considerando que o homem é um ser biográfico. Mas Ortega apenas tinha perpassado sua filosofia e muitas dessas ideias ficavam no ar sem maior precisão, o que viria nos anos seguintes.

Em 1923, faltava para Ortega alguns dos rudimentos que seriam essenciais na sua filosofia posterior como a superação da ontologia tradicional pelo entendimento de que o ser é a vida de cada um e, portanto, um ser que não é no sentido clássico da filosofia, porque não é suficiente e nem estático, senão dinâmico e indigente, pois é histórico em seu fazer-se e está composto pelo eu e pela circunstância, que dependem um do outro e vice-versa. Não se pode entender o eu fora de uma circunstância e nem esta é se não aparece relacionada com um eu como presença ou como latência. Estes descobrimentos Ortega vai compreender nos anos seguintes da década de 20 e foram expostos em vários cursos que ele ministrou em Buenos Aires e Madrid a partir de 1928 e até a Guerra Civil (*Meditación de nuestro tiempo, ¿Qué es filosofía?, ¿Qué es conocimiento?, Unas lecciones de metafísica, En torno a Galileo*). Aqui sua filosofia já se apresentava de uma forma muito mais clara como a tentativa de superar o idealismo moderno sem cair no realismo e nem no relativismo. Ortega pensava que os conceitos essenciais da filosofia deveriam ser substituídos pelos descobrimentos de sua filosofia raciovitalista: onde antes se dizia ser, agora havia que dizer a realidade radical de cada vida humana, onde se dizia existir havia que dizer viver, onde se dizia coexistência havia que dizer convivência.

Ortega, como Descartes, buscava uma realidade onde pudesse apoiar as verdades da vida, mas frente a isto, não saía da dúvida metódica afirmando que a realidade principal da qual pode partir a inteligência humana é o pensamento, mas exatamente o pensamento duvidoso, senão que afirmava que o primeiro que o homem encontra quando se coloca a pensar na realidade é a si mesmo vivendo e que, portanto, a realidade radical, aquela na qual as demais realidades residem, é a vida humana de cada qual. Este é o ser do qual deve partir a filosofia, diz Ortega. Sua obra esteve marcada, desde meados dos anos vinte pela tentativa de descrever essa realidade radical e explicar sua presença, seu modo de estar no mundo. Para Ortega, o

primeiro que se pode dizer da vida é que é uma fatalidade, porque ninguém pediu pela vida, senão que nos encontramos vivendo, jogados à existência. Mas, ainda dentro dessa fatalidade, a vida é livre porque não nos é dada feita e cada um de nós temos que fazê-la ela própria. É, portanto, a liberdade dentro da fatalidade. A vida é um drama, uma tarefa que dá muito trabalho, porque um não pode abandonar-se à existência, mas precisa de um esforço mínimo para sobreviver.

O que caracteriza a vida humana é estar colocada em algo. Ortega tinha encontrado em Aristoteles e em Leibniz a ideia de que a vida é como um arqueiro que tem um alvo. Aristóteles se pergunta em *A Ética a Nicómaco* se não vamos buscar um alvo para nossas vidas como o arqueiro o busca para sua flecha, e Leibniz, que conhecia bem o pensamento aristotélico, entendeu a vida como um espetáculo ativo, uma força encaminhada para algo, para o futuro, por isso dirá Ortega que a vida é futurição, no sentido de que está projetada para adiante. Essa projeção se faz desde um presente que é o futuro de um passado prévio, porque a vida é mais que biologia, biografia. O homem, portanto, dirá Ortega em uma das expressões últimas de sua filosofia, não tem natureza, mas história, o que a natureza é para as coisas é a história para o homem (vide a *Historia como sistema* e *Sobre la razón histórica*).

O homem ser biografia, história, queria dizer para Ortega que é tal e qual coisa, porque antes foi tal e qual outra, e isso em um sentido pessoal e em um sentido geracional, porque todo homem está imerso em um tempo e em um espaço que se expressam por meio das crenças vigentes em cada geração. As crenças são para Ortega ideias que se instalaram no sentir social, que propriamente não se tem senão que são elas o que nos sustenta. A princípio, não questionamos as crenças salvo se já tivermos deixado de acreditar nelas, ou seja se já tiverem deixado de ser crenças. Então, tentamos alcançar novas ideias desde as quais se pode viver, porque todo homem precisa de uma interpretação do mundo por mais tosca que esta seja. As épocas nas quais se questionam as crenças são épocas de crises históricas. O homem fica então por decidir de algum modo, sem chão para apoiar os pés. Ortega pensava que a época que lhe foi dada para viver era uma dessas épocas de crises (vide *Ideas y creencias* e *En torno a Galileo*).

Para Ortega, o que definia a crise era *A Rebelião das Massas*, título o qual deu a uma coleção de artigos de jornais reunidos em um livro em 1930 e que

logo se converteu em um best-seller dentro e fora da Espanha. Ortega havia encontrado a expressão que definia a época. O filósofo partia de um dado objetivo, o tremendo crescimento da população europeia no século XIX. Logo analisava o feito '*del lleno*' (da cheia), de que tudo estivesse cheio de gente: os cafés, os cinemas, os teatros... Isso parecia a Ortega que não era comum alguns anos atrás, ainda que a população fosse mais ou menos a mesma. Agora as pessoas se lançavam às ruas e começavam a aproveitar de alguns luxos que a muitos foram vedados durante séculos - de um luxo em especial, o ócio, ainda que isto não tenha sido dito textualmente por Ortega. Esta cheia significava que havia subido o nível histórico, que as pessoas dispunham agora de um maior bem-estar do que alguns anos atrás e era possível dedicar-se a aproveitar a vida, pelo menos de alguns momentos de distração. Mas era preciso analisar bem o fato, porque também tinha seu lado negativo. A rebelião das massas havia dado lugar a um tipo de homem, o homem-massa, que tinha a psicologia de uma criança mimada, pois queria aproveitar de tudo e se achava com direito a tudo, mas não era capaz de entender o esforço que o bem-estar ocidental da década dos anos vinte supunha de progresso político e de acumulação do conhecimento científico, de tecnologia, de ciência política... Neste sentido, o homem-massa era um selvagem que acreditava viver rodeado da natureza e que a utilizava de uma forma bárbara sem dar-se conta de que o que ele considerava natureza era senão artifício, o saber do homem aplicado. A rebelião das massas vinha porque o homem-massa considerava-se com direito a tudo sem se preocupar se tinha ou não deveres. Com este modo de estar no mundo queria invadir todas as ordens da vida social e impor sua vulgaridade sem aceitar diferenças. Mas o problema não estava apenas no homem-massa senão nas minorias que haviam abandonado funções, vulgarizado e começavam a viver como homens-massa, porque renunciavam ao esforço de serem melhores, de idealizar novos gostos, de pensar novas formas de estar no mundo, de imaginar novas instituições para a convivência social. O que diferencia o homem-massa do homem-egregio é que este não se sente nunca plenamente satisfeito e sempre pretende idealizar um futuro melhor, enquanto o homem-massa se sente satisfeito tal e como é, se sente satisfeito dentro de sua vulgaridade, porque vê que é a vulgaridade de todo o mundo e se sente confortável sendo como todo mundo. Pelo contrário, o homem-egregio quer ser um indivíduo, deseja ser a si mesmo, um ser diferente dos demais, sem preconceito de que possa compartilhar com eles gostos e valores. O

homem-egregio é um homem que deixa expressar sua vocação e que se esforça para alcançá-la.

Ortega preocupava-se sobretudo com o perfil que a sociedade contemporânea havia adotado. As velhas crenças haviam desmoronado ou estavam se desmoronando, inclusive a fé na ciência e no progresso, que havia sido a fé que substituiu a fé em Deus na Idade Contemporânea. Apenas as maravilhas que a técnica seguia produzindo faziam possível ver no seu fim justo a verdadeira crise de crenças na qual se vivia. Mas a técnica, como afirma Ortega em *Meditação sobre a técnica* (1933), não é nada sem a ciência, não é nada por si só, precisa de algo que esteja mas para além dela, que seja epitécnico. Esse algo é a ciência que nasce do interesse do homem por conhecer a verdade das coisas, por explicar a realidade das coisas com um afã de entender o mundo e torná-lo mais cómodo para o homem. Se este espírito científico se perdesse, se esta capacidade de ensimesmamento para encontrar a verdade que está no substrato de toda a ciência se perdesse, Ortega estava convencido de que, em poucas gerações, a civilização ocidental cairia na barbárie, porque a técnica é apenas o lado utilitário da ciência. O homem-massa da época, que provinha do tecnicismo do século XIX, era apenas capaz de apreciar o que a técnica lhe oferecia de bem-estar material, mas não entendia que por trás da mesma havia um esforço gratuito. O mesmo aconteceria no plano político, o homem-massa colocaria fim na democracia liberal da qual provinha.

Desde muito jovem, Ortega tinha tentado transmitir aos seus alunos a ideia de que verdadeiramente valia a pena aprender, não pode o professor explicá-lo, porque é mais como um desejo ou um gosto por chegar à verdade das coisas. Apesar da atração que a pedagogia social de Natorp, tão platônica, tão socialista, tão regulamentada, nesses mesmos anos Ortega já queria opor à pedagogia do seu professor alemão uma pedagogia da paisagem, que tinha na *Institución Libre de Enseñanza* uma filiação direta. Francisco Giner de los Ríos e Manoel Bartolomé Cossío tinham entendido que para a criança o melhor que se podia ensinar era ver uma paisagem, a fixar-se nas variedades de cor do céu, nos tons da terra, na presença austera de uma casa no meio do planalto deserto, na silhueta da torre da igreja, no passeio branco de um rebanho e na cabisbaixa espera de um pastor, no verde negrito dos pinheiros no inverno e no sonar dourado dos álamos no outono... Assim a criança estudava de uma só olhada física, matemática, biologia, história, política, arte

e filosofia, apenas por aprender a olhar através da sugestão inteligente do professor.

O que o professor pode fazer, pensava Ortega, é contaminar a seus alunos com o prazer da filosofia, do amor ao conhecimento, da fruição por alcançar a verdade das coisas e entendê-las. A isto Ortega chamava de pedagogia da contaminação ou da alusão. Em *Meditações do Quixote*, dizia que quem de verdade quiser ensinar para nós uma verdade que não nos diga, que nos aponte o caminho para chegar a ela, para que cada um de nós sejamos capazes de nos aproximarmos da verdade por nós mesmos. Uma das frases que Ortega mais gostava de repetir era a de Quixote: “*preferimos o caminho para a pousada*”, e também citava com frequência alguns versos de Goethe: “*somos daqueles que do escuro para o claro aspiram*”.

Ortega esteve sempre no caminho da verdade e construiu uma filosofia que nos permite entender muito melhor o que é o homem e qual é seu papel no mundo. Possivelmente não foi capaz de arredondar sua metafísica e teve sérias dúvidas sobre a verdade da sua filosofia - talvez por isso não concluiu nenhum dos grandes livros nos quais trabalhou depois da Guerra Civil - mas isto, mais do que diminuir sua figura, apresentou-a com o melhor que pode ensinar o filósofo nesse exibição que faz da sua intimidade, sua honradez. Como o mesmo dizia de Max Scheler, Ortega foi um embriagado de essências que quis tocar com a luz de sua filosofia tudo o que entrava em sua circunstância. Sobre algumas questões lançou um raio de luz.

Uma dessas questões é sua meditação da missão que devia cumprir a universidade, que plasmou em uma conferência, vários artigos e um livro em 1930 com o título de *Misión de la Universidad*. A universidade era para Ortega um elemento essencial dentro de uma sociedade moderna e devia ser um potente poder espiritual. A reforma universitária, como a política, não podia ficar apenas na correção dos abusos, mas tinha que ir a criação de novos usos. Primeiro precisava ter claro o que era a universidade. Segundo Ortega, esta cumpria duas funções: 1 - ensinar as profissões que precisavam de um esforço intelectual e 2 - desenvolver a investigação e preparar novos pesquisadores. Esta última função - em contradição com a análise que tinha feito na sua juventude sobre a universidade alemã - não lhe parecia agora o ponto central da universidade e não era, portanto, sua missão. A missão da universidade era para Ortega ensinar ao estudante médio a ser um homem culto e um bom profissional. Para fazer do estudante médio um homem culto

e bom profissional era preciso ensinar a ele as grandes disciplinas: física - aqui Ortega inclui a matemática -, biologia, história, sociologia - não o que hoje se entende por esta ciência, senão o estudo do homem em sociedade ou política - e filosofia. A cultura era para Ortega algo mais que um monte de conhecimentos eruditos, era o sistema vital das ideias de cada tempo desde as que o homem vive, as quais não são predominantemente científicas. Ortega propunha como núcleo da universidade uma Faculdade de Cultura, na qual o estudante aprenderia essas ideias do tempo desde as que se podia construir sua visão de mundo.

Por outro lado, para fazer do estudante médio um bom profissional era preciso transmitir para ele conhecimentos sóbrios, imediatos e eficazes. Ao estudante médio só era possível exigir-lhe aquilo que na prática podia aprender. Não tinha sentido encher sua cabeça de conteúdos que dificilmente poderia assimilar e que logo esqueceria. A nova universidade não perderia o tempo em tentar que o estudante médio fosse um cientista. Uma vez reduzida a aprendizagem ao mínimo exigível em quantidade e qualidade, a exigência ao aluno seria máxima.

Para o estudante médio, Ortega propunha uma nova pedagogia sintética, sistêmica e completa, que fosse capaz de transmitir os conhecimentos científicos de forma compreensível. Esta pedagogia seria o fundamento da universidade e, por isso, os professores seriam selecionados mais por sua capacidade pedagógica do que por seu talento científico. Os cientistas estavam obrigados a fazer um esforço de síntese se queriam que a ciência fosse compatível com a vida, porque a vida não pode esperar as explicações da ciência, pois é sempre urgente, é solucionar problemas do momento.

A ciência era substituída na universidade que propunha Ortega pela cultura, que é um sistema integral, completo e claramente estruturado, capaz de dar respostas ao homem sobre suas necessidades vitais, ainda que suas verdades não sejam científicas. Os estudantes mais inteligentes participariam de laboratórios, seminários e centros de discussão que se criariam ao redor da universidade. Ciência e universidade não eram dois âmbitos desconexos, mas suas missões eram distintas e deveriam estar claramente separadas, porque se fazia um enorme dano ao tentar converter o estudante médio em um cientista, para o qual se exige uma vocação peculiar, e além disso falhava a missão da universidade.

Ortega era consciente de que o progresso de uma sociedade dependia em boa medida da dedicação de uma parte de seus homens à ciência, e sabia que a universidade tinha que estar aberta ao público e não fechada em si mesma. Quando negava que a ciência fosse o núcleo da universidade, fazia isso porque havia notado a necessidade de que a universidade girasse ao redor do aluno. Era preciso partir do estudante, do que ele é e do que precisa saber para viver e exercer bem sua profissão. A maioria dos estudantes não tinha uma vocação científica. A universidade tinha que promovê-la, mas não deveria considerar a todos os estudantes como potenciais cientistas. Como já foi dito, os estudantes inclinados à pesquisa participariam em seminários e laboratórios, os quais estariam ao redor da universidade. Muitos dos seus pesquisadores seriam ao mesmo tempo professores, mas levando em conta que para sua função docente seriam selecionados segundo sua capacidade de transmitir conhecimentos de forma que pudessem ser entendidos pelos estudantes, especialmente por aqueles estudantes do tipo médio não inclinados à investigação. Era o que Ortega chamava de o princípio da economia do ensino: ensinar com todo aquele rigor que humanamente pode aprender um bom estudante médio.

O filósofo dava um passo mais e considerava que os estudantes deveriam participar na direção da ordem interna da universidade, que deveriam considerar-a sua casa e não a do professor. Sua função não era apenas a de ouvir, senão que era preciso mostrarem-se ativos e, em última instância, fazerem eles mesmos a universidade, assegurar o decoro dos usos internos e impor a ordem, da qual eles mesmos deveriam sentir-se responsáveis.

A universidade, além disso, deveria deixar de ser algo que apenas as classes abastadas pudessem disfrutar. Era preciso criar as condições para que as classes trabalhadores pudessem ingressar na universidade. Ortega deixava o tema quase intacto, como ele mesmo reconhecia, porque considerava que não era tanto um problema da universidade como do Estado, e na Espanha dos anos trinta apenas uma grande reforma do Estado - que Ortega estava planteando na imprensa desde anos, como vimos - efetivaria o acesso dos trabalhadores às aulas universitárias. A pedagogia tinha em Ortega, desde sua juventude, um fundamento político. Era partidário de estender a educação a todo o mundo: que todo o mundo tivesse acesso ao estudo e que aqueles que se destacassem, ainda que não tivessem meios econômicos, pudessem acessar a educação superior e a pesquisa ajudados pelo Estado. Isto dizia um catedrático de Metafísica na Espanha dos anos trinta, várias



décadas antes de que os filhos das classes trabalhadoras pudessem acessar a educação universitária.

Boa parte do trabalho de Ortega na Espanha da primeira metade do século XX esteve ligada a difundir a cultura. Poderíamos dizer, sem julgar em excesso com as palavras, que Ortega foi toda uma Faculdade de Cultura. Desde muito jovem se preocupou com as iniciativas guiadas por este afã. Uma das primeiras, ainda que não tenha proposto essa prática, foi a que propôs a seu pai em 1906 para que se promovesse desde a nova Sociedade Editorial de Espanha que reunia os três dos mais importantes jornais madrilêns e a vários de outras províncias. Ortega queria fundar uma Biblioteca de Cultura na qual seriam publicados os principais estudos do momento. A ideia ia acompanhada do propósito de que se constituísse paralelamente uma espécie de sociedade de conferências encarregada de difundir o pensamento mais atual por toda a Espanha por meio dos cientistas e sábios espanhóis mais prestigiados. Ortega pensava, por exemplo, em Santiago Ramón y Cajal, Marcelino Menéndez Pelayo, Benito Pérez Galdós, Francisco Giner de los Ríos, Gumersindo de Azcárate, Miguel de Unamuno, Eduardo de Hinojosa y Ramón Menéndez Pidal. Ele insistiria, em 1908, na necessidade dessa biblioteca científica, dizendo que o historiador Eduardo de Hinojosa deveria encarregar-se de sua direção.

Passaram-se muitos anos até que Ortega pode colocar em andamento estas ideias, mas pouco a pouco todas foram esmaecendo de um modo ou de outro. A partir de 1917 o jornal *El Sol*, do qual Ortega era o guia espiritual, incorporou editoriais especializadas desde as quais iam mostrando os avanços das diferentes ciências. Dois anos depois, constituiu-se a editora *Calpe*, pouco depois unida à *Espasa*, na qual Ortega teria muita interferência na recomendação de autores e de traduções. Ele mesmo dirigiu a *Biblioteca de ideias do século XX*, na qual aparecem alguns dos livros mais importantes da primeira metade do século. *Espasa-Calpe* conseguiu editar bons livros a preços baixos, de forma que a cultura se fazia acessível a mais pessoas. Alguns anos depois, em 1923, Ortega fundou a *Revista de Occidente* e no ano seguinte a editora de mesmo nome. Em ambas apareceram muitos dos principais nomes espanhóis e internacionais do momento. Basta passar os olhos em qualquer número da *Revista de Occidente* anterior à Guerra Civil para perceber o peso de suas páginas, nas quais tratavam dos mais diversos assuntos de arte, literatura e das mais diversas ciências. Era uma revista

comparável a qualquer uma das melhores revistas do mundo, feita com muito pouco recurso, mas com uma grande qualidade intelectual e formal.

Não obstante, Ortega não estava sozinho neste esforço cultural. Em muitas iniciativas suas ideias se conectavam diretamente com pessoas que vinham da *Institución Libre de Enseñanza*. Por exemplo, desde a sua fundação, em 1910, Ortega foi membro do comitê diretivo da *Residencia de Estudiantes*, ligada juridicamente à outra instituição com a qual Ortega colaborou estreitamente, a *Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas*. Desde estas instituições eram promovidos alguns dos projetos de maior envergadura intelectual da Espanha. Por exemplo, dando forma a uma ideia que Ortega tinha mostrado na sua juventude, em 1924, foi constituída a *Sociedad de Cursos y Conferencias de la Residencia de Estudiantes* que permitiu convidar para visitar a Espanha um dos cientistas mais importantes da época, como Albert Einstein ou madame Curie e literatos como Paul Valéry.

Quando Ortega começava a aparecer na vida pública no começo do século, Antonio Machado, que lhe tratava como professor, lhe disse em uma carta pessoal que ele era o '*grande capitão*'. Sim, era o grande capitão da cultura espanhola do século XX e uma das mentes mais lúcidas que Espanha deu ao mundo, idealizador de numerosos projetos intelectuais, incitador das ideias políticas de seu tempo e construtor de uma metafísica da razão vital e histórica, que toma como base a vida. Uma metafísica feita para a vida humana, pensada para aportar um grão de areia mais à experiência acumulada da história que permitira ao homem estar de uma forma mais digna no mundo.